



## O avanço da Economia no Jornalismo Cultural na sociedade contemporânea<sup>1</sup>

Ana Maria CORDENONSSI<sup>2</sup>

Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep)

### Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar a inserção de temas econômicos no jornalismo cultural, sob a ótica de que este fenômeno surge das transformações provocadas pela globalização e pelas relações sociais da modernidade, com constantes ajustes da mídia. Este cenário passou a exigir dos agentes sociais o domínio de novas ferramentas de trabalho como estratégia de sobrevivência num mercado de trabalho extremamente competitivo. Assim este artigo, que é parte de um estudo mais amplo em desenvolvimento (doutorado da autora), procura analisar, a presença da Economia nos cadernos culturais e sua relação com a sociabilidade nas classes A/B, nas páginas do suplemento semanal de cultura *EU&Fim de Semana*, do jornal *Valor Econômico*.

### Palavras-chave

Comunicação e capitalismo, Economia, Economia e cultura, Sociabilidade, Jornalismo Cultural

### Introdução

Diante da complexidade de fenômenos decorrentes do sistema capitalista<sup>3</sup> e da ruptura provocada pela globalização entre o mundo econômico e as realidades sociais, surgiu o que Bauman (1999, p.67) chama de desconfortável percepção das “coisas fugindo ao controle” com a “autopropulsão dos assuntos mundiais”. Este desconforto se amplia em Bourdieu (1998, p.54), para quem um efeito da globalização é “a extensão do domínio de um pequeno número de nações dominantes sobre o conjunto das praças financeiras nacionais”, e em Giddens (1991, p.173), com a introdução de “novas formas de interdependência mundial”, onde muitas culturas são esmagadas.

Trata-se de uma configuração histórica problemática, atravessada pelo desenvolvimento desigual e contraditório e que sustenta, conforme Bourdieu (1998,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela Unimep e professora do Curso de Jornalismo e Coordenadora do Curso de Especialização em Jornalismo Contemporâneo: Conjuntura e Tendências da Mídia, da Unimep; doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, orientanda do prof. dr. José Salvador Faro.

<sup>3</sup> O capitalismo envolve a produção de mercadorias centrada na relação entre a propriedade privada do capital e o trabalho assalariado sem posse de propriedade, como eixo de um sistema de classes (GIDDENS, 1991, p.161)



p.54-58), o neodarwinismo<sup>4</sup> social, onde triunfam os melhores e os mais brilhantes, pois, por trás da visão internacional dominante, “há uma filosofia da competência, segundo a qual são os mais competentes que governam e que tem trabalho, o que implica que aqueles que não tem trabalho não são competentes: há os *winner*s (vencedores) e os *loser*s (perdedores)”.

Neste cenário competitivo, uma série de transformações decorrentes da modernidade<sup>5</sup> se processa em várias áreas, sobretudo na produção da indústria cultural<sup>6</sup>, a qual passou a ser ferramenta imprescindível para sobrevivência no mercado de trabalho de executivos e empresários que lutam pelo sucesso na carreira profissional. As mudanças atingem inclusive o jornalismo cultural, como é o caso do caderno semanal *EU&Fim de Semana*, do jornal *Valor Econômico*, objeto de estudo desta análise. Durante a semana, o jornal se destina aos assinantes corporativos, portanto traz assuntos especificamente de interesse econômico, mas seu suplemento cultural extrapola a temática de cultura e reúne também reportagens e artigos relacionados à Economia. É esta a proposta de análise deste artigo: a inserção da Economia no jornalismo cultural.

## 1. Sociedade Contemporânea

Muitas são as discussões que tentam explicar os fenômenos da modernidade. O referencial teórico adotado para este artigo é o da sociologia cultural de Pierre Bourdieu e se justifica no argumento de que o pensamento desse autor é importante porque possibilita enfoque teórico interdisciplinar sobre os intelectuais, sobre a indústria cultural e sobre a produção cultural; e, também, porque as pesquisas no campo da Comunicação devem transgredir as fronteiras das disciplinas e debater o assunto sob várias óticas.

As formulações de Bourdieu perpassaram um contexto histórico de mudanças significativas e receberam influência da fenomenologia, do essencialismo, do

---

<sup>4</sup> Bourdieu, (1998, p. 58) explica que Gary Stanley Becker (1930), chefe da Escola Econômica de Chicago, desenvolveu a idéia de que o darwinismo é o fundamento da aptidão para o cálculo racional atribuído aos agentes econômicos. Becker ganhou o prêmio Nobel de Economia de 1992. Ver também <http://blog.cancaonova.com/felipeaquino/2007/02/01/um-premio-nobel-sobre-a-importancia-da-familia> e <http://www.nobelpreis.org/portugues/wirtschaft/becker.htm>, ambos acessos em 10 de junho se 2009

<sup>5</sup> Giddens & Pierson (2000, p.73) afirmam de forma mais detalhada que a modernidade está associada a: “a) um conjunto de atitudes perante o mundo, como a idéia de que o mundo é passível de transformação pela intervenção humana; b) um complexo de instituições econômicas, em especial a produção industrial e a economia de mercado; c) toda uma gama de instituições políticas, como o Estado nacional e a democracia de massa.”

<sup>6</sup> Importante registrar que a indústria cultural “impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente. Mas estes constituem, contudo, a condição prévia de uma sociedade democrática, que não se poderia salvar e desabrochar senão através de homens não tutelados”. (ADORNO & HORKHEIMER, 1975, p.295)

estruturalismo e do marxismo<sup>7</sup>, com destaque para Marx, Weber e Durkheim. A presença do marxismo está no paradigma da dominação e na impossibilidade de compreender o espaço social sem os antagonismos de classe. Mas, o autor amplia a abordagem marxista por entendê-la como insuficiente para explicar a ordem social já que essa teoria tem visão unidimensional do mundo social e reduz a análise apenas ao campo econômico.

Desta forma, são os conceitos de *espaço social*, *campos* e *habitus* formulados por Bourdieu que oferecem bons mecanismos para a análise das relações entre espaço social, produção e consumo de bens culturais e permitem compreender como essas relações resultam em matérias sobre economia em um suplemento cultural num espaço social, no qual a *doxa*<sup>8</sup> se legitima. Para Bourdieu, essas representações dominantes só podem ser impostas após um processo de condicionamento feito pelo poder dominante. A difusão da crença decorre das instituições com poder de impor visões legítimas da realidade a agentes que lhes dão crédito total antecipado para instituir sua visão de mundo.

É importante mencionar que para jornalismo cultural este artigo adota a definição de Faro (2006, p.150), para quem “constitui-se em um território de práticas jornalísticas que tanto reiteram os signos, valores e procedimentos da cultura de massa quanto discursos que revelam tensões contra-hegemônicas características de conjunturas históricas específicas”. E a definição de cultura é a de Williams (2008, p. 10-13), que a entende “como resultado de formas precursoras de convergência de interesses” e identifica duas principais (um modo de vida global e uma ordem social global<sup>9</sup>) e uma terceira, surgida em meados do século XX, na qual a prática e a produção cultural são elementos constitutivos da ordem social. Isto coincide com o pensamento de Bourdieu (1992, p.191), quanto ao *habitus* de classe não ter *estrutura estruturada* e sim *estrutura estruturante*. Assim, a obra cultural sintetiza e abstrai valores e significações não isentos de tensões sociais, portanto é um sistema de significações que não ignora os conflitos.

---

<sup>7</sup> a) Fenomenologia– o fenômeno é o que aparece na consciência do indivíduo, como única realidade cognoscível; b) Essencialismo– a representação do mundo social ocorre em termos de essências, de naturezas eternas e de conteúdos imutáveis; c) Estruturalismo– conjunto de elementos interdependentes de um sistema organizado, no qual a modificação de um deles acarreta a transformação de todos os outros; d) Marxismo– presente no “marxismo existencialista” de Sartre (a existência precede a essência); e em Althusser -defesa do marxismo estruturalista (Ver BONNEWITZ, 2003, p.12-13)

<sup>8</sup> Para Bourdieu, a *doxa* são as representações dominantes, é o conjunto das opiniões comuns, crenças estabelecidas, idéias preconcebidas, o que é óbvio e não é discutido (BONNEWITZ, 2003, p.100)

<sup>9</sup> As duas formas de convergência de cultura para Raymond Williams (1992, p. 11-13) são: a) ênfase no espírito formador de um modo de vida global presente nas atividades sociais e mais evidentes em atividades culturais (linguagem, estilos de arte, tipos de trabalho intelectual); b) ênfase em uma ordem social global na qual uma cultura específica (estilos de arte e tipos de trabalho intelectual) resulta de uma ordem constituída por outras atividades sociais.

É o conceito de *espaço social* que explicita claramente o fenômeno de inserção de temas econômicos no *EU&Fim de Semana* porque o momento e as condições da produção de bens simbólicos pressupõem o momento e as condições de seu consumo, segundo a lógica de mercado. Portanto, de acordo com este raciocínio, consumir informações e opiniões que elucidem as constantes transformações da modernidade, sejam elas culturais ou econômicas, torna-se obrigatório para um público cujos interesses estão centrados nestas questões.

## 2. Sociabilidade, espaço social e *habitus* classe

Segundo Bourdieu, a sociedade não forma uma totalidade única, mas apresenta espaços sociais hierarquizados e conflituosos devido à desigual distribuição de capital. Cada um desses espaços constitui um campo (econômico, cultural, jornalístico etc.) que impõe sua lógica aos seus agentes com jogos relativamente autônomos, pois uma classe social não pode se definir isoladamente.

Portanto, conforme Bourdieu (apud BONNEWITZ, 2003, p.53-54) no espaço social “toda posição atual pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas, cujos valores correspondem aos valores de diferentes variáveis pertinentes”. Assim, a acumulação de capital, responsável por definir a posição dentro de cada campo é feita de quatro formas, que estão resumidas a seguir: a) *capital econômico*: fatores de produção e bens econômicos, como renda, patrimônio, bens materiais; b) *capital cultural*: qualificações intelectuais produzidas pelo sistema escolar ou transmitidas pela família; c) *capital social*: relações sociais de que dispõe um indivíduo ou grupo para manter as relações. d) *capital simbólico*: rituais ligados à honra e ao reconhecimento da posse das outras três formas de capital.

Para Bourdieu, o espaço social resulta da articulação de dois modos de constituir capital familiar, conforme Bonnewitz (2003, p.54-55): a) *hierarquização vertical* dos grupos sociais, na qual se opõem os agentes com muito capital econômico e cultural, aos agentes detentores de pouco. Esta visão situa os patrões, os profissionais liberais e os professores universitários no topo da hierarquia e os operários e assalariados agrícolas, no ponto mais baixo; b) *estrutura do capital*, isto é, a importância das duas espécies de capital na constituição do total do capital, na qual se opõem os agentes com mais capital econômico contra os que tem mais capital cultural. Sob este ângulo, os patrões da indústria e do comércio (com mais capital econômico em relação ao capital cultural) se opõem aos professores (com mais capital cultural em comparação ao capital econômico).

A análise de uma sociedade estratificada, segundo Bourdieu (1992, p.3) deve considerar as relações entre as classes, pois cada uma delas, pelo fato de ocupar uma posição na estrutura social e estar afetada pelas relações com as outras partes de sua estrutura, possui propriedades específicas. Segundo Bonnewitz (2003, p.57-59), Bourdieu recorta o espaço social em três classes: a) dominantes: grande dotação de capital e de diferentes tipos de capital; distinguem-se duas frações: a *burguesia antiga* – fração dominante da classe dominante (patrões das grandes empresas do comércio e da indústria); e a *burguesia nova* (engenheiros, professores, as profissões intelectuais, executivos superiores do setor privado, a maioria originária das grandes escolas de gestão econômica e comercial); a fração dominada da classe dominante tem mais capital cultural do que capital econômico. b) *pequena burguesia*: vontade de ascensão social; ocupa posição média (assalariados, trabalhadores independentes ou empregadores); não tem autonomia cultural, respeita a ordem social e imita a cultura da classe dominante; distinguem-se três frações: 1) *pequena burguesia em declínio ou pequena burguesia tradicional*; 2) *pequena burguesia de execução*; 3) a *pequena burguesia nova*; o ponto comum é a luta para aumentar o *status* simbólico das profissões exercidas. c) *classes populares*: quase ausência de capital de qualquer forma, aceitação da dominação e condenadas à “escolha do necessário”. Duas frações: operários e pequenos agricultores e pequenos assalariados (pessoal de serviço e assalariados agrícolas).

Deste modo, percebe-se que a ocupação de determinados posições no espaço social depende do processo de acumulação de capital econômico, cultural, social e simbólico e é isto que explica o fato de o *EU&Fim de Semana* privilegiar temas econômicos: espera-se dos agentes sociais em determinadas posições comportamentos, atitudes e hábitos compatíveis com estas posições, portanto a publicação constitui-se em importante fonte de informação para este fim. Isto porque o domínio e a interpretação de informações econômicas permitem o diálogo de executivos e empresários com os pares a fim de manterem as posições ou, até mesmo, passarem da fração dominada para dominante na classe à que pertencem.

A vontade de acumular capital simbólico fornece elementos para a existência de certas práticas culturais, mas é preciso considerar que o acesso a esses bens é desigual não apenas devido à desigualdade econômica: decorre também das estratégias de distinção na luta de classes no campo cultural, resultante das classificações sociais. Para Bourdieu, o que permite a classificação é o *habitus*, conforme esclarece Girardi Jr. (2007, p.202-212): “A partir dessas percepções, certos tipos de censura, procedimentos,



aproximações e distanciamentos entre os corpos, estratégias de movimentação e intervenção, tipos de ironias e piadas são produzidas e ganham ‘certos’ sentidos”. Este senso<sup>10</sup> prático do mundo emerge da posição social. O sensor social de classificação “não indica exatamente o tipo de jogada que será feita, mas as condições e o campo em que os agentes podem explorar e produzir suas jogadas, em jogos reconhecidos socialmente”. Portanto, a relação dos agentes sociais com a cultura se modifica conforme a classe social à que pertence cada agente.

Para Bourdieu (1997, p. 26), nos jogos, decorrentes do campo de forças no espaço social, a posição na estrutura dos diferentes tipos de capital dirige as representações desse espaço e as tomadas de posição na luta para conservá-lo ou transformá-lo, numa cumplicidade tácita. É desse modo que o capital e o poder simbólico tanto dos produtores quanto dos consumidores culturais ganham força social:

(...) os agentes sociais e os próprios dominados estão unidos ao mundo social (até mesmo ao mais repugnante e revoltante) por uma relação de cumplicidade padecida que faz com que certos aspectos deste mundo estejam sempre além ou aquém do questionamento crítico. É por intermédio dessa relação obscura de adesão quase corporal que se exercem os efeitos do poder simbólico. (BOURDIEU, 2000, p. 60)

Contudo, os diversos mercados simbólicos do espaço social, conforme já foi dito, não estão abertos a todos de modo idêntico. Bonnewitz (2003, 105-110) esclarece que, para Bourdieu, o acesso democrático a uma prática é marcado pela filiação de classe que produz um *habitus* específico. E para assegurar sua filiação a uma determinada classe, o agente deverá produzir/consumir os bens simbólicos referentes àquele grupo social como forma de internalização das formas de perceber o mundo segundo a ótica daquele campo, porque a produção de sentido depende da relação dialética entre o *habitus* e o *mercado*, mediada pelo *habitus*.

Assim, para se manter numa determinada classe, o agente precisa ter competência para compreender e dominar certas percepções do mundo a partir da comunicação, reprodução, vivência e estudo da ordem social global, da qual decorrem outras atividades com sistema de significações próprio (normas, símbolos, mitos e imagens). É nesse sentido que o *EU&Fim de Semana* procura fornecer elementos para o seu leitor entender a conjuntura econômica atual como mecanismo de acesso ou de

---

<sup>10</sup> Girardi Jr. (2007, p.202-212) explica que senso é a faculdade de apreciar, julgar, entender, dar sentido e sensores são dispositivos de localização e de identificação.



manutenção na classe social dominante. Daí a explicação teórica para a inserção de matérias sobre Economia neste suplemento cultural.

### **3. Breve história da criação e perfil do *Valor Econômico***

O jornal *Valor Econômico* surgiu de uma *joint-venture*<sup>11</sup> entre as empresas editoras do jornal *O Globo* (a Infoglobo) e da *Folha de S. Paulo* (Folha da Manhã) e circulou pela primeira vez em 2 de maio de 2000, com 60 mil exemplares, destinado a “assinantes pessoas jurídicas, corporativas, à burguesia de mercado (elite)”, conforme Borges<sup>12</sup>. De acordo com Park (2002, p.5), o objetivo do *Valor* é oferecer um panorama confiável do que ocorre na esfera produtiva, para auxiliar na tomada de decisões dos agentes econômicos e “motivar os empreendedores e a população brasileira a investir no mercado de capitais”.

O caderno *EU&Fim de Semana* destina-se ao leitor pertencente às classes sociais A/B, cujas atividades profissionais são (ou pretendem ser) exercidas em cargos estratégicos de corporações e cujos interesses se voltam para informações culturais mais sofisticadas do que as oferecidas pela imprensa convencional. O caderno incorpora elementos representativos das transformações ocorridas na vida em sociedade, ao que tudo indica decorrentes do processo de globalização e das novas tecnologias.

Para este artigo será analisada a matéria principal da capa de oito edições do caderno *EU&Fim de Semana*, do ano 2000, por ser este o primeiro ano de circulação do *Valor Econômico* e por se constituir também parte do recorte temporal referente a um trabalho mais amplo em desenvolvimento para a tese de doutorado da autora. O critério para a seleção considerou uma edição por mês de forma alternada: em maio a da primeira semana, em junho a da segunda e assim sucessivamente.

#### **Tabela I – Classificação por Conteúdo *EU&Fim de Semana* - 2000**

---

<sup>11</sup> *Joint-venture* – é um empreendimento conjunto. Associação ente empresas ou entre países, sob a forma de capital, trabalho ou recursos naturais. Literalmente uma aventura juntos, conforme Dicionário de Economia, disponível em <http://dicionario-de-economia.portalmidis.com.br/j/o-que-e-joint-venture.htm>, acessado em 16 de abril de 2008.

<sup>12</sup> Entrevista com Robinson Borges, um dos editores do caderno *EU&Fim de Semana*, realizada em 21.02.2008, na sede do *Valor Econômico*.





Número / Data	Economia		Cultura
	Internacional	Geral	
1. n° 1 5 de maio	1. A espiral do infortúnio		
2. n° 6 9, 10 e 11 de junho			1. A cultura do MST
3. n° 11 14, 15 e 16 de julho			2. Nelson Rodrigues: o eterno retorno
4. n° 17 25, 26 e 27 de agosto	2. Estados Unidos da América do Sul		
5. n° 18 1, 2 e 3 de setembro		1. Globalização	
6. n° 23 6, 7 e 8 de outubro		2. Quanto vale esta nota?	
7. n° 29 17, 18 e 19 de novembro	3. O desafio de reerguer o Japão		
8. n° 34 22, 23, 24, 25 de dezembro	4. Dolarização em ritmo de tango		

Das oito edições selecionadas, a capa de seis delas refere-se a reportagens e artigos que envolvem Economia, como é possível perceber na Tabela I. Das seis edições, cujas capas são sobre Economia, quatro tratam da situação econômica internacional, ou melhor, trazem material jornalístico sobre a situação econômica de outros países; duas tratam de economia de forma geral e duas se relacionam ao assunto específico do suplemento, isto é, cultura.

### 3.1. Economia Internacional

As matérias, cujo conteúdo aborda a situação econômica de outros países, procuram situar o leitor em análises macroeconômicas e oferecem um panorama bastante objetivo, como por exemplo, o artigo do professor da Faculdade de Economia da USP, Eduardo Giannetti com o título “Espiras do infortúnio” sobre a fragilidade da economia americana, que foi capa do primeiro número do suplemento, veiculado no dia 5 de maio de 2000. Trata-se de um artigo, portanto de conteúdo opinativo, que com muita propriedade, desenvolve uma analogia entre a lenda de Dédalo e Ícaro ao princípio regulador grego (*hybris* – arrogância excessiva e *nêmesis* – ação corretiva) sobre a ascensão da economia nos EUA, “fadada a espatifar-se”.

Giannetti explica, numa análise consistente, que houve crescimento do PIB nos EUA, nos anos 90, em 30%, mas não dos preços e salários e que, para os adeptos do “novo paradigma”, os responsáveis foram as oportunidades de investimento originadas da revolução tecnológica e os ganhos de produtividade e eficiência associados à difusão da tecnologia da informação. O erro fatal, segundo o autor, foi tomar uma verdade parcial como total. Ele retoma, no encerramento, a metáfora inicial: “Diante de tudo





isso, um *'soft landing'* (queda suave) é pouco provável. A *'hybris'* americana dificilmente escapará de sua *'nêmis'*. A armadilha da espiral do infortúnio está armada. Os deuses do Olimpo detestam concorrentes”.

A análise consistente da conjuntura econômica norte-americana permite compreender com clareza o cenário mundial onde as forças da maior superpotência econômica mundial atuam de forma a interferir na economia do restante do planeta, portanto leitura obrigatória para executivos e empresários sintonizados com o desenrolar dos fatos contemporâneos. Configura-se também como a premonição da trágica crise econômica vivida pelos EUA posteriormente e intensificada desde o ano passado com graves consequências econômicas no mundo todo.

Da mesma forma a reportagem de capa da edição número 17, de 25, 26 e 27 de agosto, de Sérgio Leo, com o título “Estados Unidos da América do Sul” sobre a primeira reunião ocorrida em Brasília de 12 chefes de Estado do subcontinente oferece um quadro sobre a situação econômica dessa região, que na década de 50 detinha 12,5% do comércio mundial, contra apenas 3% hoje (2000). Traz a informação de que o objetivo do encontro é discutir os caminhos da integração territorial e aborda os cinco pontos do encontro: “fortalecimento da democracia, intensificação do comércio, integração infraestrutural, combate ao narcotráfico e a outros crimes e priorização de ciência e tecnologia”. Aponta também que a América do Sul precisa se recuperar em relação à Ásia e que o caminho para melhorar o comércio é a aproximação dos dois blocos econômicos: Mercosul (com o Chile) e a Comunidade Andina (Suriname e Guiana não estão em nenhum deles). A reportagem permite ao leitor, não só se informar sobre as articulações dos representantes das 12 nações sul-americanas, mas oferece um panorama econômico completo da região, com mapas e gráficos.

A edição de número 29, datada de 17, 18 e 19 novembro, traz a reportagem “O desafio de reerguer o Japão”, de Humberto Saccomandi, que viajou a convite do *Foreign Press Center*, do Japão. A reportagem informa que depois de quase uma década de estagnação, o país inicia sua recuperação econômica, abrindo-se ao exterior e derrubando velhos tabus. Isto porque, segundo previsão feita no início da década de 90, o Japão deveria superar os EUA como primeira potência econômica, mas amarga atraso histórico, pois a explosão da bolha especulativa na década de 90 desvalorizou o preço da terra (caiu aos níveis de 1983) e quebrou muitas empresas, socorridas pelo governo.

Informa que numa mudança importante de rumo, o governo abandona a política de salvar empresas quebradas, como o caso da *Nissan* (globalização) absorvida pela

francesa *Renault*, com direção do brasileiro Carlos Ghosn (conhecido como “exterminador de custos”: fechou cinco fábricas e demitiu 16 mil funcionários). É neste ponto que a reportagem informa sobre a quebra de antigos tabus: 1) até anos 90 o estilo de gerenciamento japonês era exportado; agora têm que se reciclar; 2) o emprego vitalício (pilar da estrutura trabalhista japonesa) não é mais garantido, nem a promoção por idade: conta mais o mérito; 3) Centralização da decisão, ao contrário do processo colegiado que é mais lento e dilui as responsabilidades. Traz informações sobre as relações exteriores, como o fato de o Japão não fazer parte de nenhum bloco econômico, sobre o primeiro acordo bilateral com Cingapura e sobre a ameaça de reduzir a ajuda externa no mundo (1999 foi o maior doador). Informa, ainda, que a economia dá sinais de recuperação, mas que o ambiente político não.

A abordagem deixa o leitor a par do quadro econômico e político japonês, bem como das medidas adotadas para reverter a situação de crise e explicita claramente a visão de modernidade administrativa que está sendo implantada, além de oferecer ao leitor um parâmetro de gestão questionável do ponto de vista humano em função do desemprego justificado com sobrevivência das empresas no sistema capitalista.

Um artigo do economista Marcelo Lara Resende é capa da edição número 34, de 22, 23, 24 e 25 de dezembro, com o título “Dolarização em ritmo de tango”, alerta para os perigos da atual (2000) crise argentina. O artigo informa que a Argentina chegou a ficar entre as dez economias mais desenvolvidas do mundo, o que “gerou um sentimento de aristocrática superioridade”, e que, desde meados do século XIX, tornou-se estagnada com gastos públicos elevados. Cita também que os governos populistas (Perón e Isabelita), o sindicalismo exacerbado e os governos militares (Guerra das Malvinas) provocaram uma hiperinflação, debelada em 1991 com o governo Menen, mas que a obsessão de Menen pela terceira reeleição levou ao relaxamento fiscal que inviabilizou o plano. Informa o encolhimento do PIB argentino em 3% nos últimos anos e a sequência de choques do mundo globalizado que agravaram o problema: as crises mexicana, asiática, russa, a brasileira e a queda das “commodities” agrícolas (1999).

Este artigo faz uma análise da conjuntura econômica e histórica da Argentina e situa o leitor quanto às condições do país em função de decisões políticas equivocadas. Permite que o leitor fique informado sobre o quadro econômico e possibilidades de crescimento do país vizinho.

### **3.2. Economia Geral**

A edição de número 18, de 1, 2 e 3 de setembro, traz nas páginas 16, 17, 18 e 19, “Os donos do capital”, de Carlos Haag, de SP, produzida com a colaboração de Cristina Calmon (Rio) e Rodrigo Bittar (Brasília). A reportagem informa que Marx e Engels, autores da obra que previu a globalização e Bill Gates, ainda tem muito a ensinar aos capitalistas e convoca o leitor a comprar a obra “O Capital” para entender a moderna economia. Toda argumentação segue na linha de provar que Marx está mais atual do que nunca, pois ele já havia avisado sobre a globalização há 150 anos, a mudança do eixo econômico do Atlântico para o Pacífico (Tigres Asiáticos), o crescimento do monopólio (contraste com a competição do capitalismo), a desigualdade mundial, o declínio da cultura (global) e o mercado sem fronteiras.

O gancho da reportagem é o lançamento do livro considerado a mais completa biografia de “Karl Marx” (no Brasil em 2001), de Francis Wheen, colunista do jornal inglês “*The Guardian*”. Cita também os livros “Certa Herança Marxista” e “Marx: Vida e Obra”, do professor José Arthur Gianotti. Diz que para Edgar Morin, Marx “é um grande pensador, cujas ideias ainda estão fecundas” e alerta para não se confundir o pensamento dele com a leitura enviesada dos discípulos responsáveis por muitas matanças. Quanto ao monopólio, Morin diz que, para Marx, é “preciso uma regulamentação dessa liberdade excessiva do mercado” para evitar preços abusivos aos consumidores, ou seja, uma informação que pode não agradar a muitos empresários e executivos leitores do *EU&Fim de Semana*. Morin diz, ainda, que Marx foi pioneiro ao antever em “O Manifesto Comunista” que a busca de novos mercados destruiria as velhas indústrias e a cultura e ao falar das crises, como a Grande Depressão, dos abalos no México e na Ásia, do desemprego crescente e do distúrbio das condições sociais. A matéria é uma análise brilhante sobre as ideias de Marx e oferece ao leitor a possibilidade de refletir sobre a profundidade e atualidade do pensamento dele.

A reportagem “Quanto vale esta nota?”, de José Roberto Campos, publicada na edição número 23 de 6, 7 e 8 de outubro, traz no rodapé da capa a seguinte orientação “Olhe bem e descubra na página 16”. A matéria associa a criatividade de um artista plástico americano que produz notas com obras de arte e tenta trocá-las por mercadorias. Traz a história do dinheiro, mas o gancho é o livro recém-lançado “A Aventura do Dinheiro”, do jornalista da Folha de S. Paulo, Oscar Pilagallo. Registra várias definições do dinheiro, como a de Oscar Pilagallo que vê o dinheiro como “uma metáfora – uma coisa que significa outra”; a de Arthur Schopenhauer (filósofo sovina),

“é a satisfação abstrata de todos os desejos” e a de Karl Marx de que o dinheiro é a “rameira da humanidade”.

Segundo a reportagem, a história do dinheiro começou 25 séculos a.C. e evoluiu com dezenas de formas de trocas monetárias, como a invenção do dracma pelos gregos; a criação do denário (dinheiro) pelos romanos 286 a.C. e da moeda (deusa Juno Moneta). Cita que Nero foi o primeiro a roubar denários (cunhou moedas com menos metal – inflação), que Jesus foi traído por 30 moedas, que no final do século XIV na Itália surgiu a letra de câmbio e que no final do século XIX e meados do século XX surgiu o padrão-ouro (paridade fixa entre papel e outro).

A reportagem não oferece nenhum panorama econômico, mas aborda de forma lúdica a história do dinheiro, principal objeto de desejo nas sociedades capitalistas.

### **3.3. Cultura**

Apesar de a proposta deste artigo ser explorar especificamente os temas econômicos inseridos no caderno *EU&Fim de Semana*, durante o período analisado, é importante registrar que a capa de duas edições a de número 6 (de 9, 10 e 11 de junho) e a de número 11 (de 14, 15 e 16 de julho) desenvolvem temáticas referentes à cultura, ou seja, ligadas especificamente à proposta do caderno. A primeira, com o título “A cultura do MST”, de Sérgio de Carvalho, é uma entrevista pingue-pongue com um dos principais teóricos do movimento, Ademar Bogo, sobre várias questões ideológicas. A segunda, “Nelson Rodrigues: o eterno retorno” informa que nos 20 anos de morte de Nelson, ele está de volta em romances e em uma entrevista inédita feita por Dênis Moraes com o jornalista e dramaturgo, em maio de 1979 (um ano antes de ele morrer) sobre o projeto de uma peça com nove atos a serem apresentados em dias consecutivos.

A capa da edição sobre a cultura do MST traz uma foto de autoria de Sebastião Salgado dos integrantes do MST em assembléia com os podões e braços levantados. A matéria informa que é possível depreender do depoimento de Bogo que o MST tem um ideário difuso: “mistura misticismo religioso com princípios doutrinários marxistas simplificados, elementos da cultura de massa com folclore, ingenuidade com teoria revolucionária, utopia comunitária com respeito ao direito da pequena propriedade”.

Na entrevista com Nelson Rodrigues, o dramaturgo “reclama da incompreensão dos críticos”, diz que o engajamento político de autores e atores quase acabou com o teatro brasileiro; classifica a educação sexual como “uma das sinistras imposturas da nossa época” e diz que sente “saudade da época em que não se tratava a mulher como

objeto sexual”. Afirma, ainda, que “os costumes dão ao homem a sua exata dimensão humana” e por isso dedicou-se a “tragédias de costumes”.

#### 4. Considerações finais

A partir dessas reflexões e do breve estudo de caso é possível duas inferências a serem estudadas de forma mais detalhada em outro momento: o *Valor* insere matérias jornalísticas sobre Economia em seu caderno cultural como forma de cooptar o leitor interessado neste tipo de informação para o *EU&Fim de Semana*; ou, a inserção desses temas ocorre porque o seu público se interessa por estes assuntos. De qualquer forma, ambas as explicações poderão ser aprofundadas em um outro trabalho.

Entretanto, uma dedução evidente é a ampliação do espaço que a Economia ocupa na vida contemporânea, inclusive na cultura, transformando as relações sociais e influenciando a indústria cultural. Este breve diagnóstico analisou a sociabilidade moderna e possibilita depreender que o conteúdo das matérias traça um panorama mais que suficiente para o leitor compreender certos fenômenos, especialmente num cenário em que a ruptura entre o ser humano e a realidade decorrente da globalização amplia e generaliza as condições de solidão dos agentes sociais.

Desse modo, o *EU&Fim de Semana*, ao inserir temas econômicos, torna-se instrumento importante, pois dialoga com o assinante pessoa física no sentido de subsidiá-lo com informações e com reflexões sobre o mundo contemporâneo. E, de acordo com o referencial teórico adotado, é uma estratégia de acúmulo de capital cultural e de conhecimento do *habitus* de classe que permitem internalizar as regras de um jogo não explícito, compatíveis com as posições ocupadas no espaço social pelos agentes para se manterem num mercado cada vez mais competitivo e globalizado.

Nesse cenário globalizante, percebe-se, conforme Ianni (2001, p.22-95), que, tanto os indivíduos, grupos, classes, movimentos sociais, partidos políticos e correntes de opinião pública tem por desafio descobrir as dimensões globais dos modos de ser, agir, pensar, sentir e imaginar, portanto, mesmo uma publicação cultural passa a ter seus próprios desafios e incorporar as transformações que emergem da modernidade.

Outro ponto é o caráter de identidade cosmopolita que a sofisticação das reportagens analisadas possibilita desvelar: o conteúdo leva à interpretação de que há necessidade de o agente social estar sintonizado com o que ocorre na esfera econômica



de outros países, num processo quase imperceptível e consentido de forma tácita, em conformidade com a *doxa* de Bourdieu.

Enfim, este artigo não esgota a discussão, e nem tem essa pretensão, pois é uma proposta parcial da tese de doutorado da autora em andamento, e pode ser o ponto de partida para outros trabalhos nessa área.

### **Referências Bibliográficas**

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel(org). **Comunicação e indústria cultural: leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e nas manifestações da opinião pública, propaganda e cultura de massa nessa sociedade.** São Paulo: Editora Nacional, 1975.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização e as consequências humanas.** Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu.** 2ª ed. Petrópolis(RJ):Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** Tradução Sérgio Miceli, Silvia de Almeida Prado, Sônia Miceli e Wilson Campos, 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas sobre a teoria da ação.** Tradução Mariza Correa. 1ª reimpressão. Campinas/SP: Papirus, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal.** Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **O campo econômico: a dimensão simbólica da dominação.** Roberto Leal Ferreira. Campinas/SP: Papirus, 2000.

FARO, J.S. Nem tudo que reluz é ouro. In: **Comunicação & sociedade: opinião pública na idade da mídia.** São Bernardo do Campo: Umesp, n.46, p.143-163, 2006.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** Trad. Raul Fiker. 2ª ed. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

GIDDENS, Anthony & PIERSON, Christopher. **Conversas com Anthony Giddens: o sentido da modernidade.** Tradução: Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.

GIRARDI JR., Lirácio. **Pierre Bourdieu: questões de sociologia e comunicação.** São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa.** Tradução de Flávio R. Kothe. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo, 2003.

HANNERZ, Ulf. Cosmopolitas e locais na cultura local. In: FEATHERSTONE, Mike (org.). **Cultura Global, nacionalismo, globalização e modernidade.** Tradução de Attílio Brunetta. Petrópolis: Vozes, 1994.



IANNI, Octávio. **A era do globalismo**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX o espírito do tempo**. Trad. Maura Riberiro Sardinha, 8ª ed., Rio de Janeiro: Forense, 1990.

PARK, Eun Youn. **Valor Econômico: mudança no estado de arte do Jornalismo Econômico**. 184 p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo. (Nº USP: 2158052). 2002.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. 3ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.